

Das portas das fábricas aos cargos eletivos

apontamentos sobre as trajetórias políticas de sindicalistas metalúrgicos do ABC Paulista

Kimi Tomizaki¹ e Yuri Pinto²

*Quem quer que entre para a política, assim
como alguém que ingresse em uma religião,
deve operar uma transformação, uma conver-
são. Mesmo que esta não lhe apareça como tal,
mesmo que não tenha consciência disso, ela
lhe é tacitamente imposta, e a sanção em caso
de transgressão é o fracasso ou a exclusão.*

(Pierre Bourdieu)

A onda grevista iniciada em 10 de maio de 1978, na Scania de São Bernardo do Campo, que rapidamente se espalhou pelas fábricas de todo o ABC Paulista e outras cidades e estados, marcou definitivamente a trajetória dos trabalhadores da região, impactando também a história da classe trabalhadora brasileira, bem como a luta pela redemocratização do país. Dito de outra forma, os efeitos do movimento grevista dos metalúrgicos do ABC foram muito extensos e variados não só para a categoria metalúrgica, tendo também um efeito importante no interior do campo político brasi-

¹ Professora de Sociologia na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (Feusp) e no Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de educação da Universidade de São Paulo (Feusp).

² Historiador pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP) e mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da USP (Feusp).

leiro por meio da formação da Central Única dos Trabalhadores (CUT) e do Partido dos Trabalhadores (PT).

Neste capítulo discutiremos as trajetórias de dirigentes do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC (SMABC) que constituíram o primeiro grupo de metalúrgicos a disputar cargos eletivos no Legislativo (municipal, estadual e federal) e no Executivo (municipal), pelo Partido dos Trabalhadores (PT). Mais especificamente, trata-se de uma discussão sobre os limites e possibilidades dos “usos” do capital político, acumulado pela posição de liderança de alguns sindicalistas durante o período das “grandes greves”, em vitórias eleitorais e carreiras (mais ou menos extensas e/ou “bem-sucedidas”) na política partidária.³

Assim, analisaremos as trajetórias políticas de um grupo de sindicalistas que protagonizou, entre o final dos anos 1970 e os anos 1980, um período de transformações profundas no SMABC. Poderíamos dizer que o ciclo grevista, conhecido como as “grandes greves” do ABC Paulista (1978-1982), constituiu o “evento fundador” de uma série de experiências que foram capazes de constituir uma *geração política*,⁴ cujas práticas delinearam um novo “modelo” de ação sindical, o chamado “Novo Sindicalismo”, que

³ Este capítulo se baseia nos resultados do esforço teórico e empírico investido na construção de uma prosopografia ou biografia coletiva dos dirigentes do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, entre 1972 e 2002, cujas informações biográficas têm sido coletadas por meio de diferentes fontes (questionários biográficos, entrevistas por telefone, entrevistas em profundidade, análise documental da imprensa sindical, arquivos do SMABC, arquivos do Departamento de Ordem Política e Social (Deops) e os arquivos digitais da TV dos Trabalhadores). A participação no projeto “Movimentos cruzados e histórias específicas de operários e trabalhadores rurais. Análise comparativa dos ciclos de greves iniciados pelos metalúrgicos de São Paulo e do ABC paulista e pelos canavieiros de Pernambuco no final dos anos 70”, financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) garantiu uma nova etapa de coleta de dados por meio da realização de entrevistas em parceria com a Associação dos Metalúrgicos Anistiados do ABC (AMA-A) e a realização de seminários específicos com a presença das lideranças do SMABC à época das greves, cujos registros se desdobraram em um rico material de pesquisa.

⁴ Sumariamente, compreendemos como geração política um grupo que, em um dado momento histórico de relevância política, se engaja em um coletivo militante. A compreensão da dinâmica das gerações políticas exige a combinação de análise dos efeitos dos “ciclos de vida” (fatores objetivos e subjetivos ligados à idade), das coortes (socialização e experiências sócio-históricas) e de período (eventos históricos) (Boumazza, 2009).

contribuiu significativamente para a renovação do movimento operário brasileiro por meio da defesa de táticas e estratégias baseadas no confronto direto com o patronato, na organização dos trabalhadores nos locais de trabalho, no fim do imposto sindical e na defesa da autonomia sindical (Santana, 1999; Boito, 1992; Rodrigues, 1999).

De maneira geral, os dados da pesquisa nos permitem compreender que, ao longo das três décadas analisadas, o trabalho sindical no SMABC se alterou de modo significativo, o que nos permitiu identificar três gerações políticas, que se formaram em função das alterações na conjuntura política (nacional) e econômica (especialmente do mercado de trabalho industrial na região do ABC), impactando tanto a organização do campo sindical⁵ quanto o *habitus* dos sindicalistas.⁶ A *primeira geração*, formada por sindicalistas que dirigiram o SMABC entre o fim dos anos 1960 e meados dos anos 1970, trata-se de um grupo que vivenciou um período de inflexão política da entidade em direção a uma postura de combatividade e enfrentamento com o patronato e com o regime militar (especialmente no que tange à relação com o Ministério do Trabalho e a definição dos índices de reajustes salariais, cujo marco foi a campanha salarial de 1974). A *segunda geração*, por sua vez, é formada a partir da eclosão das greves de

⁵ Segundo Bourdieu, o campo “é um microcosmo, isto é, um pequeno mundo social relativamente autônomo no interior do grande mundo social. Nele se encontrará um grande número de propriedades, relações, ações e processos que se encontram no mundo global, mas esses processos, esses fenômenos, se revestem aí de uma forma particular. É isso o que está contido na noção de autonomia: um campo é um microcosmo autônomo no interior do macrocosmo social. Autônomo, segundo a etimologia, significa que tem sua própria lei, seu próprio *nomos*, que tem em si próprio o princípio e a regra de seu funcionamento. É um universo no qual operam critérios de avaliação que lhe são próprios e que não teriam validade no microcosmo vizinho. Um universo que obedece a suas próprias leis, que são diferentes das leis do mundo social ordinário” (Bourdieu, 2011, p. 195).

⁶ A noção de *habitus*, retrabalhada em relação às suas origens aristotélico-tomistas, na obra de Bourdieu, cumpre a função de relacionar as dimensões individual e social, trata-se de um sistema de (pré)disposições adquiridas nos processos de socialização. “Produto da história, o *habitus* produz as práticas, individuais e coletivas, portanto, da história, conforme aos esquemas engendrados pela história; ele garante a presença ativa das experiências passadas que, depositadas em cada organismo sob a forma de esquemas de percepção, de pensamento e de ação, tendem, de forma mais segura que todas as regras formais e que todas as normas explícitas, a garantir a conformidade das práticas e sua constância ao longo do tempo” (Bourdieu, 2009, p. 90).

1978, quando a maioria dos sindicalistas do SMABC, diante da percepção de que a classe trabalhadora tem um papel fundamental na transformação da sociedade, não concebe mais a possibilidade de uma ação sindical eficiente sem confronto direto entre trabalho e capital e sem assumir a democratização como uma bandeira da entidade, o que conduziu a uma crescente radicalização dos conflitos, tanto no interior das fábricas, quanto nas ruas do ABC Paulista, quando a categoria em greve foi reprimida por forças policiais em inúmeras ocasiões. Do ponto de vista geracional, trata-se da geração que consolida as práticas do “novo sindicalismo” e, portanto, que prioriza o investimento na aproximação da base, na implementação da organização nos locais de trabalho, na formação do PT e da Central Única dos Trabalhadores (CUT) e na expansão/ampliação do projeto político dessas duas organizações, seja por meio da disputa de cargos eletivos, seja pela organização de chapas que concorreram à direção de outros sindicatos e de outras categorias para compor a chamada “base cutista”. A *terceira geração*, finalmente, é constituída nos anos 1990, período no qual o amplo fechamento de postos de trabalho alterou profundamente o modo de se fazer sindicalismo no ABC Paulista. Avaliando que os processos de “reestruturação produtiva” eram inevitáveis, a direção do SMABC, em consonância com a CUT, passou a privilegiar a negociação com as empresas, tendo em vista evitar um processo de desindustrialização ou um número maior de demissões.⁷

As transformações ocorridas na organização do campo sindical metalúrgico do ABC Paulista em cada uma dessas etapas conduziram, ao mesmo tempo, ao desengajamento de alguns sindicalistas e à ascensão política de outros, que estavam em melhores condições de responder aos desafios impostos pela reconfiguração da atuação do SMABC. Dito de outra forma, a

⁷ Para uma discussão sobre a passagem da estratégia confrontacionista, característica do início do novo sindicalismo, para a chamada “prática de cooperação conflitiva”, ver: Bresciani (2001); Bresciani e Quadros (2002); Rodrigues (1997). Para uma discussão sobre como o capital escolar passa a constituir também um capital político no interior do mundo sindical internacional, ver: Wagner (2004; 2005).

instabilidade inerente à militância sindical, especialmente em períodos de aceleradas alterações sociais, econômicas e políticas, pode conduzir a uma situação em que os sindicalistas perdem o domínio sobre as condições de funcionamento do próprio campo sindical, o que exigiria a redefinição de suas formas de atuação o que não será possível para todos.

O trabalho sindical, como todo trabalho ligado ao campo político, constitui uma ação instável que requer um aprendizado do conjunto de regras de funcionamento desse campo específico. Pode-se dizer que o acúmulo de aprendizagens específicas conjugadas a certas características pessoais dos sindicalistas constitui uma espécie de capital militante e político, que permite ao seu detentor ocupar um espaço legítimo no interior da entidade da qual participa. [...] Mas é preciso sublinhar que os “conteúdos” que compõem essa posição de legitimidade podem ser alterados por transformações mais amplas que atingem os espaços políticos – tais como as mudanças na ordem econômica mundial ou nacional –, o que exige novas aprendizagens dos seus participantes. (Tomizaki e Rombaldi, 2009, p. 95-96)

Como dito anteriormente, trataremos neste texto das trajetórias políticas dos membros da segunda geração de sindicalistas do período em questão, mais especificamente daqueles que investiram (e foram investidos pelo SMABC e pelo PT) em carreiras na política partidária, cujas vitórias eleitorais iniciais se sustentaram sobre um capital político constituído a partir do lugar de legitimidade e reconhecimento que esses trabalhadores puderam acessar graças ao seu papel como lideranças no SMABC, especialmente no período das grandes greves.

Segundo Bourdieu, o capital político é uma espécie de capital simbólico,⁸ de caráter mais pessoal, ligado à notoriedade e popularidade,

⁸ De acordo com Bourdieu, “as diferenças objetivas, inscritas nas propriedades materiais e nos lucros diferenciais que elas trazem, se convertem em distinções reconhecidas nas e por meio das representações que fazem e que formam delas os agentes. Toda diferença reconhecida, aceita como

ao fato de se ser conhecido e reconhecido, notável, o que garante a determinados indivíduos legitimidade (e uma suposta competência) para atuar no mundo da política. Segundo o autor, o capital pessoal de “notoriedade” e de “popularidade” pode assumir duas “formas”: (i) o notável, fundado no fato de o indivíduo ter qualificações específicas que lhes garantem a “aquisição e conservação de uma boa reputação”, em geral, resultado da reconversão de um capital de notoriedade acumulado em outros campos sociais, em particular no exercício de determinadas profissões; e (ii) o heroico ou profético, resultado de “uma ação inaugural, realizada em situações de crise, no vazio e no silêncio deixados pelas instituições e aparelhos”; tal ação se legitima a ela própria de acordo com seu “sucesso” em termos de força de mobilização (Bourdieu, 2005, p. 190-191).

Assim, apoiando-nos no instrumental teórico da sociologia de Pierre Bourdieu, interessa-nos discutir uma das dimensões dos efeitos prolongados das greves do ABC Paulista, no final dos anos 1970: as condições nas quais sindicalistas metalúrgicos puderam reconverter o capital político, de caráter heroico, acumulado no âmbito sindical para o campo político “mais amplo”, ou seja, para a política partidária. No momento da formação do PT, os sindicalistas metalúrgicos no ABC Paulista despontaram como “candidatos naturais”, e não por acaso o primeiro prefeito eleito pelo PT, em uma cidade importante, foi a principal liderança da primeira

legítima, funciona por isso mesmo como um capital simbólico que obtém um lucro de distinção. O capital simbólico, com as formas de lucro e de poder que assegura, só existe na relação entre as propriedades distintas e distintivas como corpo correto, língua, roupa, mobília (cada uma delas obtendo seu valor a partir de sua posição no sistema das propriedades correspondentes, ele mesmo objetivamente referido ao sistema das posições nas distribuições) e indivíduos ou grupos dotados de esquemas de percepção e de apreciação que os predispõem a reconhecer (no duplo sentido do termo) essas propriedades, ou seja, a instituí-los como estilos expressivos, formas transformadas e irreconhecíveis das posições nas relações de força” (Bourdieu, 2013, p. 111). Assim, o capital simbólico poderia ser definido como uma espécie de “crédito” social que depende essencialmente da crença em sua validade; e, assim como os capitais econômicos e culturais, “o capital simbólico também é desigualmente distribuído na sociedade e engendra uma forma própria de violência: os dominados concedem seu reconhecimento aos dominantes graças ao desconhecimento da desigualdade material que lhes permite alcançar a competência que, depois, transita socialmente como signo de um talento inato” (Miguel, 2003, p.120-121).

greve de 1978, Gilson Menezes, diretor de base da Scania, eleito prefeito de Diadema em 1982.

Quanto a isso, vale destacar que, apesar da significativa imbricação entre sindicatos e outras instâncias do campo político, especialmente os partidos, consideraremos a ação sindical como uma atividade política específica e o sindicalismo, “como um espaço social com suas próprias lutas internas, seus próprios princípios de divisão e como um universo profundamente diferenciado do universo político” (Béroud, 2014, p. 90-91), o que contribui para compreensão das representações e práticas dos sindicalistas, suas disposições e tomadas de posição, bem como os posicionamentos políticos das entidades sindicais. Nesse sentido, em que pese o fato de o campo sindical não ter o mesmo nível de autonomia em relação a outros campos, em função sobretudo de sua relação com o Estado, que define juridicamente os limites de sua atuação formal, lançar mão da noção de campo para análise do sindicalismo possibilita uma análise tanto estrutural quanto relacional das posições das entidades sindicais e dos sindicalistas em seu interior (Béroud, 2014).

Embora o campo sindical tenha proximidade com o campo político, este último tem especificidades que fazem com que a reconversão do capital político acumulado no campo sindical não seja um processo automático nem infalível. Segundo Bourdieu, no campo político existe um *habitus* particular e um capital específico. O *habitus* do político exige uma preparação especial, baseada na aquisição de um *corpus* de saberes específicos, bem como de capacidades especiais, como o domínio de certa linguagem e de uma retórica apropriada (Fernandes, 2006). De acordo com Bourdieu, o campo político é o “lugar em que se geram – na concorrência entre os agentes que nele se acham envolvidos – produtos políticos, problemas, programas, análises, comentários, conceitos, acontecimentos, entre os quais os cidadãos comuns, reduzidos ao estatuto de ‘consumidores’, devem escolher” (Bourdieu, 2005, p. 164). Portanto, o campo político tem

uma lógica própria e disputas internas – que estão na base das tomadas de posição dos agentes envolvidos nesse campo – que não se reduzem aos interesses dos outorgantes do mandato.

Há interesses que se definem na relação com as pessoas do mesmo partido ou contra as pessoas dos outros partidos. O funcionamento do campo produz uma espécie de fechamento. Esse efeito observável é o resultado de um processo: quanto mais um espaço político se autonomiza, mais avança segundo sua lógica própria, mais tende a funcionar em conformidade com os interesses inerentes ao campo. (Bourdieu, 2011, p. 199)

No entanto, diferentemente de outros campos, o campo político nunca pode se autonomizar completamente, visto que depende do referendo dos votos para existir, o que o obriga a se remeter de diferentes modos aos eleitores ou a grupos organizados da sociedade civil, que detêm o poder (relativo) de determinar a composição e organização do campo.

Poderíamos dizer que, mesmo referendados pelo voto, os agentes do campo político se confrontarão em lutas simbólicas, dispondo de poderes simbólicos e capitais muito desiguais que os posicionarão em uma estrutura hierárquica, e isso fará desse campo de forças também um campo de lutas para se transformarem as relações de força do próprio campo. Fundamentalmente, o que está em jogo nas lutas simbólicas do campo político é o *nomos* ou a legitimidade de enunciação e imposição dos “bons” princípios de visão e de divisão do mundo social e das questões de ordem política.

A política é uma luta em prol de ideias, mas um tipo de ideias absolutamente particular, a saber, as ideias-força, ideias que dão força ao funcionar como força de mobilização. Se o princípio de divisão que eu proponho for reconhecido por todos, se meu *nomos* se tornar o *nomos* universal, se todos virem o mundo como eu

o vejo, terei atrás de mim toda a força das pessoas que compartilham minha visão. [...]. O que está em disputa no jogo político é o monopólio da capacidade de fazer ver e de fazer crer de uma maneira ou de outra. (Bourdieu, 2011, p. 203)

Assim, se o que está em disputa no campo político é a imposição legítima dos princípios de visão e de divisão do mundo social, um dos polos das disputas políticas se localiza precisamente na luta pelo deslocamento dessas fronteiras e dicotomias, pela alteração dos princípios de classificação e categorização do mundo social, o que pode ser impulsionado pela entrada de “novos agentes” no campo político. De acordo com Bourdieu, as condutas dos agentes são determinadas por sua posição na estrutura da relação de forças característica do campo; no entanto, dado que o campo político depende do referendo do voto, não se podem desconsiderar os interesses dos representados e/ou as pautas e bandeiras que possibilitam o ingresso dos agentes no campo político (Bourdieu, 2011).

Valendo-nos dessa discussão, podemos afirmar que a experiência dos sindicalistas metalúrgicos que ingressaram na política partidária parece ter sido marcada por duas dimensões diferentes: de um lado, esses agentes contavam com a legitimidade vinda das urnas, o que os conectava ao compromisso com a defesa dos interesses da classe trabalhadora; de outro, adentraram um espaço cujas normas eram dominadas pelos “homens políticos” já estabelecidos, que conheciam as regras, a linguagem e o funcionamento do campo. As possibilidades e/ou limites de articular esses dois polos da experiência política foram fundamentais para definir o modo como os sindicalistas conduziram seus mandatos, como veremos a seguir.

Do singular ao coletivo: uma prosopografia de lideranças sindicais

De um modo geral, a prosopografia pode parecer menos valorizada como método de pesquisa quando se coloca em relevo sua função mais trivial: a

descrição dos atributos sociais de um grupo específico (profissional, religioso, político, familiar, etc.), dando-se, assim, maior destaque à coleta e organização dos dados e ao seu papel descritivo que à análise e discussão do material empírico. Essa percepção ignora, entretanto, o fato de que as duas operações centrais do método prosopográfico – recolher e classificar os dados biográficos dos sujeitos da pesquisa – possibilitam a compreensão do perfil dos membros e dinâmicas internas do grupo estudado, e isso se relaciona com o fato de que as estratégias de coleta dos dados e sua organização são condicionadas pelo objetivo de compreender tanto a estrutura e organização do grupo quanto sua posição no espaço social, sobretudo em suas disputas e alianças com outros grupos.

Trata-se de encontrar nas propriedades biográficas dos indivíduos que compõem uma população, nas propriedades consideradas eminentemente sociais, uma chave de compreensão ou uma explicação de um problema de pesquisa. Assim, as ações de um grupo encontram sua compreensão nas disposições sociais dos membros do grupo ou, sobretudo, na confrontação entre sistemas de disposições e de estruturas objetivas que definem os horizontes de expectativas, os campos de possibilidade e do provável. Essas propriedades biográficas tornam-se, então, os indicadores a partir dos quais o pesquisador pode apreender os processos e as lógicas sociais colocadas em curso pelo grupo em questão. (Digol, 2014, p. 235)

Em razão do tipo de abordagem teórica, da natureza dos dados disponíveis e de como eles puderam ser coletados e organizados nesta pesquisa, fica claro que se trata menos de uma “prosopografia clássica” e mais de uma análise sociobiográfica, que combina o tratamento prosopográfico tradicional com uma leitura detalhada das trajetórias sociais, atenta aos “possíveis biográficos”, às estratégias coletivas e às práticas e investimentos militantes. Nesse sentido, a abordagem sociobiográfica possibilita que

se interroguem os modos como determinados *habitus* políticos, no caso desta pesquisa, encontram as condições de sua efetivação em uma dada lógica social e política, o que só pode ser operado por meio da reconstituição e comparação de histórias sociais e individuais, portanto, da articulação entre a abordagem coletiva e a escala singular (cf. Boulland, 2014).

Desse modo, o trabalho analítico dessa pesquisa tem se constituído em duas “grandes frentes”: (i) a análise das características do grupo que formou a direção do SMABC ao longo de três destacadas décadas da história dessa entidade, com ênfase sobre as transformações e permanências em termos de objetivos, percepções, perfis, práticas e discursos ao longo do tempo; e (ii) a compreensão dos processos que conduziram um grupo relativamente homogêneo, no que tange à sua origem e trajetória social, a se dividir em uma significativa pluralidade de trajetórias e destinos sociais e políticos (cf. Cruzel, 2004; Yon, 2005; Muxel, 2016; Bourdieu e Wacquant, 1992; Bourdieu, 2009).

O conjunto de informações sistematizado no banco de dados aponta que o grupo em questão possui pouca diferenciação interna no que tange à sua origem social e posse de capitais escolares. Trata-se, assim, de um grupo que, em sua maioria absoluta, tem origem rural, migrou para São Paulo ou para a região do ABC com baixa escolaridade (em geral sem concluir o antigo primário, embora fossem todos alfabetizados). Seus pais, católicos, eram analfabetos ou estudaram no máximo até a antiga quarta série da escola primária. Além disso, esse grupo migrou sem nenhum tipo de qualificação para o trabalho industrial, o que a maioria adquiriu fundamentalmente em cursos do Serviço Nacional da Indústria (Senai) – com duração de dois a seis meses em sua maioria, mas que em alguns casos chegavam até a um ano e meio –, mas também em outras instituições de formação profissional privadas.

Os sindicalistas em questão são, majoritariamente, filhos de trabalhadores rurais, pequenos proprietários rurais e operários; no que tange

à escolaridade, é possível perceber, ao longo das três décadas, uma diminuição considerável do número de pais analfabetos, com progressivo aumento da taxa de escolaridade nos “níveis” do “primário” completo ou incompleto. As mães dos sindicalistas, por sua vez, têm a escolaridade mais baixa que os pais, embora os dados também indiquem uma tendência de aumento dos anos de escolarização ao longo das três décadas. Quanto à atuação profissional, embora a maioria trabalhe em casa, há um número expressivo de trabalhadoras rurais e empregadas domésticas.

Quanto ao local de trabalho e às funções exercidas, quatro empresas se destacam como empregadores dos diretores do SMABC – Ford, Mercedes-Benz, Volkswagen e Brastemp –, nas quais os sindicalistas se distribuem em uma grande diversidade de funções, com destaque para ferramentaria, inspetoria de qualidade e operadores de máquinas. Vale ressaltar que a concentração de sindicalistas nessas empresas não significa ausência ou menor mobilização em outras fábricas do setor. As fábricas de médio e pequeno porte contavam com muitas lideranças e militantes de destaque que nem sempre encontravam espaço na chapa para direção do sindicato, cuja composição privilegiava a presença de militantes das grandes empresas. O caso das fábricas de Diadema é emblemático: em 1978, a Volkswagen de São Bernardo do Campo empregava aproximadamente 40 mil trabalhadores, ao passo que em Diadema havia, nesse mesmo período, cerca de 40 mil metalúrgicos distribuídos em mais de 200 fábricas, nas quais se registrou intensa mobilização no período das greves.

No que tange à escolaridade, os dados mostram que os sindicalistas fizeram um importante investimento na aquisição de certificações escolares ao longo de suas carreiras, o que pode ser percebido pela comparação entre o nível de escolaridade alcançado em “idade escolar” e sua escolaridade no momento da coleta de dados. Além disso, é possível perceber uma tendência de alongamento crescente dos estudos entre os sindicalistas das três décadas, tanto no “período regular” quanto na retomada dos estudos, na fase adulta.

O subgrupo dos sindicalistas que foram eleitos nos anos 1980 é formado por 10 dirigentes⁹ cujos atributos sociais não diferem substancialmente do conjunto dos sindicalistas do banco de dados. O quadro 1 apresenta informações básicas sobre os sindicalistas em questão. Embora sejam figuras públicas, como alguns estão afastados da política há muito tempo, optou-se pela troca dos nomes para preservar seu anonimato, com exceção do ex-presidente Lula, porque seria impossível, em virtude dos próprios dados apresentados.

Como dito anteriormente, apesar da homogeneidade em termos de origem social e trajetória escolar e profissional, os diretores do SMABC tiveram destinos políticos e sociais muito desiguais, os quais se materializaram em um amplo leque de modalidades de “carreiras político-militantes”, a saber: (i) carreiras centradas em mandatos sindicais; (ii) carreiras relacionadas ao campo sindical como assessores do SMABC, da CUT e/ou outras federações e confederações sindicais; (iii) carreiras na política partidária; (iv) carreiras relacionadas aos mandatos e/ou administrações do PT. Essa mesma assimetria é também perceptível no desenvolvimento das carreiras político-partidárias, que constituíram experiências muito diversas, com longevidade e “desempenhos” muito variados.

Entre os dez sindicalistas que foram eleitos nos anos 1980, quatro atuaram exclusivamente no âmbito municipal como vereadores em Santo André, São Bernardo do Campo e Diadema; um foi vereador de São Paulo e, posteriormente, eleito deputado federal; um vereador de Diadema foi também vice-prefeito; três foram deputados federais e/ou estaduais, entre eles um se tornou vice-prefeito de São Bernardo do Campo e outro, presidente da República; um foi prefeito de Diadema, posteriormente eleito deputado pelo PSB.

⁹ Desses dez sindicalistas, sete foram entrevistados em profundidade para essa pesquisa.

Quadro 1 – Sindicalistas dos anos 1980 eleitos para cargos eletivos

	Cidade / Estado de Nascimento	Ano de Nascimento	Profissão e Escolarização do Pai	Profissão e Escolarização da Mãe	Curso no Senai	Fábrica	Função na Fábrica	Cargo no SMABC	Cargo Eletivo Político Federal
Otávio	Médina (MG)	1939	Artesão / Não respondeu	Dona de casa / Não respondeu	Não	Mercedes-Benz	Inspetor de qualidade	Suplente da executiva (1975/1978) e 1º tesoureiro (1978/1981)	Deputado federal (1983/1987); Vice-prefeito de SBC (1989/1992); Deputado estadual (1995/2003)
Eduardo	Diamantina (MG)	1952	Trabalhador Rural/ Analfabeto	Trabalhadora de zona rural / Analfabeta	---	Arreb	Inspetor de qualidade	2º Tesoureiro (1978/1981)	Deputado Estadual (1982/1990)
Geraldo	Miguel Calmon (BA)	1949	Cosmeiro, Caminhoneiro e posteriormente dono de uma Padaria / Alfabetizado	Ajudava o pai, também era vendadora ambulante e dona de casa / Ensino médio completo	Sim / Ferramentaria	Saab-Scania	Ajustador ferramenteiro	Efetivo no conselho da federação (1978/1981) e diretor de base (1978/1980)	Prefeito de Diadema (1982/1988 e 1996/2000); Deputado estadual PSB (1991/1994 e 1994/1996); Vice-prefeito de Diadema PSB (2009/2012)
Josué	Açucena (MG)	1951	Trabalhador Zona Rural / ---	Trabalhadora de zona rural/ não respondeu	Sim / Torneiro mecânico	Villares	Retificador de ferramentaria	Suplente da executiva (1967/1972), diretor da executiva (1981), efetivo no conselho da federação (1972-1975 e 1981-1984)	Vereador SBC (1983/2016)

Lula	Garanhuns (PE)	1945	Operário, foi lavrador em Caetés e trabalhou por vinte anos no Porto de Santos (Ensacador de café) / Analfabeto	Dona de casa, também era lavradora em Caetés / Analfabeta	Sim / Torneiro mecânico	Villares	Torneiro	Suplente do conselho fiscal (1969/1972), 1º secretário da executiva (1972/1975) e presidente da executiva (1975/1978)	Deputado federal (1986/1990); presidente da República (2002/2010)
Mário	Cabrobó (PE)	1944	Pequeno proprietário de zona rural / Não sabe	Pequena proprietária de zona rural / Não sabe	Sim / Ferramenteiro	Polimatic	Inspetor de qualidade	Suplente da executiva (1978/1981)	Vereador de SBC (1983/1988)
Naranael	Santo Anastácio (SP)	1939	Trabalhador da zona rural / Analfabeto	Trabalhadora de zona rural / Não sabe	Sim / Soldagem	Kharman-Ghia	Selador	Efetivo do Conselho Fiscal (1969/1972), Secretário Geral da Executiva (1972/1975) e 1º Secretário da Executiva (1975/1981)	Vereador de SBC (1983-1992)
Jonas	Visconde do Rio Branco (MG)	1950	Pequeno proprietário de zona rural / Alfabetizado	Dona de casa / Alfabetizada	Sim / Desenho mecânico	Sulzer Weise	Serralheiro	3º Secretário da Executiva (1981/1984) e Diretor Pleno da Executiva (2008/2011)	Vereador de Diadema (1989/1996)
Daniel	Getulina (SP)	1944	----	----	----	Volkswagen	Inspetor de qualidade	Suplente da Executiva (1972/1975), 2º Secretário da Executiva (1978/1981), Membro da Comissão de Fábrica (1979/1980)	Vereador de São Paulo (1989/2003); Deputado federal (2003/2011)
Jorge	Lucélia (SP)	1945	----	----	----	Ford	Inspetor de qualidade	Suplente do Conselho Fiscal (1984/1987) e Coordenador da Comissão de Fábrica (1984/1987)	Vereador de Santo André (1989/2016)

Do ponto de vista da longevidade das carreiras, as diferenças são muito significativas, com destaque para as de nível municipal: temos um vereador que cumpriu apenas um mandato (São Bernardo do Campo), dois vereadores que cumpriram dois mandatos (Diadema e São Bernardo do Campo), um vereador que cumpriu quatro mandatos (Santo André) e um vereador que cumpriu oito mandatos (São Bernardo do Campo). Entre os quatro deputados, um deles atuou somente como deputado estadual por dois mandatos, um foi vereador em São Paulo por quatro mandatos, seguidos por dois mandatos como deputado federal, dois foram deputados federais por um mandato, posteriormente um teve dois mandatos como deputado estadual e outro se tornou presidente da República.

Se as origens sociais e as trajetórias familiares e/ou profissionais não conseguem por si sós explicar a assimetria das carreiras políticas, que outros elementos poderiam contribuir para a análise dessas trajetórias? Nossa hipótese é de que as possibilidades e os limites do desenvolvimento das carreiras políticas dos sindicalistas se diferenciaram em função de alguns capitais acumulados em suas trajetórias no próprio campo sindical, especialmente no capital relacional e nos aprendizados que foram capazes de alterar suas disposições, aumentando ou diminuindo as chances de “adaptação” ao campo político. De acordo com as entrevistas, o modo como tais sindicalistas foram socializados no trabalho sindical, por exemplo, é um elemento de grande importância (quem os convidou para entrar no sindicato, quem acompanhou sua militância inicialmente, com quais grupos teve mais proximidade ou distância), trata-se de pensar tais trajetórias como processos que permitiram a aquisição de diferentes (e desiguais) capitais culturais, simbólicos e relacionais, que redundaram ou não na reconfiguração dos *habitus* dos sujeitos da pesquisa.

A fim de analisar as trajetórias políticas desses sujeitos com maior nível de detalhamento, especialmente daqueles que assumiram cargos legislativos, analisamos os dados disponíveis em arquivos virtuais sobre sua

atividade parlamentar. Essa coleta de dados ainda está em curso porque depende também da análise de arquivos físicos, dado que nem todas as informações estão disponíveis *online*. No entanto, nessa primeira análise documental, especialmente sobre os projetos de lei apresentados pelos sindicalistas, foi possível perceber, primeiramente, que tais projetos, invariavelmente, foram arquivados depois de muito tempo de tramitação, em geral, vários anos após o fim desses mandatos. Em segundo lugar, fica evidente que alguns dos sindicalistas eleitos enfrentaram grandes dificuldades na apresentação de projetos de lei, tendo sua atuação voltada para o debate no plenário, além da participação em processos administrativos, propostas de emendas à lei orgânica, projetos de resolução, discussão de projetos de autoria de outros políticos e requerimentos com diversas demandas que expressavam o interesse em garantir a transparência das gestões. No mesmo sentido, há um número significativo de projetos voltados para questões menos complexas, como “renomeação” de ruas, praças e escolas que valorizasse personagens progressistas ou do campo da esquerda brasileira.

Além disso, os mandatos mais longevos parecem ter sido marcados por um avanço qualitativo no que diz respeito à capacidade de apresentação de projetos de lei sobre questões de maior complexidade. Finalmente, há mandatos que se destacaram pela velocidade com que o sindicalista iniciou a apresentação de projetos bastante consistentes, voltados para questões diretamente ligadas aos direitos dos trabalhadores de diferentes categorias profissionais.

De um modo geral, a pouca experiência do PT na administração pública e a valorização do trabalho de base, por meio da organização dos trabalhadores e dos movimentos sociais, parecem ter causado uma série de limitações para o conjunto dos eleitos pelo PT para as primeiras legislaturas, sobretudo no que se refere ao desenvolvimento de estratégias de atuação nas instituições políticas. Assim, algumas dificuldades enfrenta-

das pelos sindicalistas eleitos não foram exclusividade desses mandatos, como a baixa participação na proposição de projetos de lei, embora com amplo uso da palavra nos debates públicos (Keck, 2010).

Assim, a combinação de análise dos dados sobre as trajetórias políticas dos sindicalistas e as entrevistas em profundidade tem possibilitado a compreensão das especificidades dessas experiências que se constituíram entre o campo sindical e o campo político.

Otávio: uma trajetória de sucesso e angústia

A entrevista de Otávio ocorreu no seu apartamento no bairro de Pinheiros, em São Paulo, onde ele vive com a atual companheira, uma antropóloga, docente da Universidade de São Paulo (USP) que conheceu na militância no PT e com quem está junto desde o início dos anos 1990. O apartamento tem sua decoração dividida entre fotos do período mais pungente da carreira política de Otávio, na qual aparece acompanhado das principais lideranças do PT, e vários artefatos que fazem referência à cultura africana, sobretudo máscaras ritualísticas, que são o objeto de estudo de sua mulher.¹⁰

Otávio nasceu em Medina (MG), no Vale do Jequitinhonha, em 1939, filho do segundo casamento do seu pai. Em Minas Gerais, embora a família fosse proprietária de um sítio que recebera de herança dos avós paternos, a situação financeira era muito precária, ao ponto de a alimentação ser basicamente farinha e rapadura. De acordo com seu depoimento, o pai tinha um comportamento desregrado com álcool e mulheres, o que afetava a vida financeira da família de cinco irmãos do segundo casamento do pai e seis do primeiro casamento. Sua mãe era analfabeta e seu pai sabia ler e escrever. Finalmente, para fugir da miséria e da fome, a família migrou

¹⁰ A entrevista de Otávio, registrada com gravador digital, foi concedida em 2012, ao longo desses anos temos mantido contato com o entrevistado em função de atividades da Associação dos Metalúrgicos Anistiados (AMA-A) e do SMABC.

para São Paulo, em 1948, na caçamba de um caminhão basculante: “Pra gente um pau-de-arara era um transporte de luxo!”.

Otávio chegou a São Paulo com 9 anos de idade e imediatamente começou a trabalhar como entregador de marmita para um restaurante; ao mesmo tempo, retomou os estudos e concluiu o ensino fundamental. Trabalhou em diferentes lugares até se fixar em uma fábrica de fogos de artifício, onde ficou até 1962, sem registro em carteira de trabalho, quando a fábrica foi destruída em um incêndio. Embora tivesse uma relação afetiva com o patrão, com quem estabeleceu um laço de amizade, Otávio já vinha se preocupando com o fato de trabalhar sem registro e não ter uma “profissão”. Segundo seu depoimento, no início dos anos 1960, uma “carreira” muito valorizada era de “inspetor de qualidade”, e foi por meio de um jornal que ele tomou conhecimento de um curso que formava inspetores de qualidade, próximo à Praça da Sé, no qual se matriculou. Tratava-se de um curso particular, de um ano e meio, noturno, que garantiu a ele o ingresso na categoria metalúrgica, primeiramente em uma empresa de médio porte, em São Paulo, e após, em 1964, na Mercedes-Benz do Brasil (MBB), como inspetor de qualidade na usinagem de motores. Na MBB, Otávio conheceu uma importante liderança do SMABC, que naquele momento era diretor de base e o sindicalizou, apesar do seu desinteresse por assuntos relacionados à política. A MBB se destacou, desde a chegada da montadora na região do ABC, como um espaço importante de formação de lideranças para a categoria. Até hoje, os sindicalistas ligados à empresa de origem alemã ocupam postos de destaque no SMABC e na CUT. Assim, a entrada na militância no interior dessa fábrica já trazia em si uma valiosa rede de relações no campo sindical e maiores oportunidades de formação política no interior da fábrica, além de uma “herança simbólica” facilmente retraduzida em capital político.

Otávio relata que, embora não tivesse nenhum interesse em política nem consciência do que representava o regime militar, tinha muita sen-

sibilidade em relação às péssimas e repressivas condições de trabalho vivenciadas na MBB à época: acidentes provocados por situações inseguras de trabalho, exigência de horas extras nos finais de semana sob ameaça de demissão, tratamento desrespeitoso e truculento de chefes e gerentes em relação aos trabalhadores, vigilância dos banheiros, etc.¹¹ Foi exatamente sua reação à repressão e à violência dos chefes e gerentes contra os trabalhadores que fez com que Otávio começasse a se destacar e passasse a ser reconhecido por estes, de modo espontâneo e informal, como liderança política na fábrica.

Eu sempre fui uma pessoa dentro da MBB, talvez pela situação de vida que eu sempre tive, de lutar contra a fome, contra a miséria, contra as injustiças, então, dentro da MBB, quando eu via uma postura da chefia de ter uma conduta de maltratar o trabalhador, de gritar com o trabalhador, de perseguir o trabalhador, eu me revoltava contra essa situação, eu reclamava com a chefia, eu fui adquirindo uma liderança inconsciente por causa do meu comportamento. E aí, o pessoal disse: “Otávio, vai ter eleição da Cipa e a gente vai lançar você como candidato”. E eu fui e ganhei como cipeiro. [...] Acabei ficando eleito cipeiro, eu me lembro muito bem que era uma guerra, uma disputa muito... Que era uma luta minha contra a empresa, que era a questão dos atos inseguros e das situações inseguras no trabalho. Eu provei em vários casos que a culpa era da chefia, da MBB, que não oferecia as condições para que o trabalhador pudesse desenvolver sua atividade sem ter nenhum tipo de acidente, ele não tinha tido nenhum ato inseguro, eram as condições que eram inseguras. E isso foi tomando repercussão na fábrica e eu fui reeleito. (Otávio, entrevista concedida em 2012, em São Paulo)

¹¹ Para uma discussão sobre as condições às quais os trabalhadores eram submetidos nas fábricas do ABC e sua relação com a explosão da onda grevista, cf. Abramo (1999); e Maroni (1982).

Graças a sua atuação como cipeiro na MBB, Otávio passou a ser conhecido entre os diretores de base da montadora e, em pouco tempo, passou a chamar atenção também dos diretores do SMABC, principalmente de Lula, que o convidou para formar uma nova chapa para a diretoria da entidade, em 1974. Otávio relata que foi uma conversa muito clara e esclarecedora, da qual ele saiu convencido de que era necessário fazer uma renovação no movimento sindical, que era necessário construir um novo tipo de sindicato, um novo tipo de sindicalismo: “o sindicato como instrumento de luta da classe trabalhadora, e que a classe trabalhadora era o agente principal das transformações da sociedade”. Ainda de acordo com seu depoimento, Lula também alertou para os riscos que o ativismo sindical significava em plena ditadura civil-militar: “A gente está vivendo um momento de exceção, é a ditadura militar, se você aceitar fazer parte da diretoria você pode perder o emprego, o mandato, você pode ser preso, você pode até desaparecer”.

Otávio se tornou diretor do SMABC em 1975, e embora, como ele mesmo afirma, ocupasse uma posição bastante periférica, como suplente no conselho fiscal, isso já foi suficiente para alterar sua postura como sindicalista, consolidando seu papel como liderança no interior da fábrica: sua primeira providência, após as eleições do sindicato, foi solicitar na entidade uma lista com os nomes de todos os filiados da MBB e, na fábrica, foi procurar um a um para se apresentar como novo diretor e se colocar à disposição para representar seus interesses. Em uma atitude mais radical, informou aos chefes que não iria mais trabalhar: “daqui pra frente não trabalho mais pra MBB, trabalho para o sindicato dos metalúrgicos”. Além disso, Otávio estabeleceu, por sua conta, uma meta de sindicalização que deveria cumprir todos os meses.

Eu levei uma mesa para a porta do restaurante [para fazer sindicalizações], levei uma cadeira, contra a vontade da empresa. Para colocar um quadro de avisos tinha que fazer um acordo coletivo

com a empresa! Pra você ver como eram as coisas naquela época, mas eu levei um quadro e coloquei na saída do restaurante com as fotos do sindicato, avisos do sindicato. E esse meu atrevimento foi criando contato [com os trabalhadores]... E se como cipeiro as chefias já me respeitava, como diretor do sindicato mais ainda... Porque se eu via alguma coisa errada eu ia conversar... E falava: “Ou você melhora seu jeito de lidar para o trabalhador, de dar condições de trabalhar para o trabalhador ou do contrário vou colocar seu nome na *Tribuna Metalúrgica*!” (Otávio, entrevista concedida em 2012, em São Paulo)

A radicalidade e as atitudes de confrontação de Otávio se adequavam quase perfeitamente às expectativas dos trabalhadores, e isso o transformou em uma liderança de grande destaque em pouco tempo, apesar da ausência de experiência política anterior ao ingresso no sindicato. Ele fez parte de um grupo que se formou politicamente no próprio sindicato, por meio dos cursos oferecidos pela entidade em colaboração com intelectuais de esquerda que começavam a se aproximar dos metalúrgicos do ABC (Tomizaki, 2013).

Depois que eu fui para o sindicato, as coisas começaram a ser de uma forma muito mais bem organizada. Eu nunca me esqueço que quando o Lula convidou os vinte e quatro diretores para fazer parte da diretoria, no final de 1974, a gente fez um curso no sindicato com o Walter Barelli e com a mulher dele. Eu nunca me esqueço. A gente fez um curso de formação sindical-política e eu me lembro que uma das principais perguntas que o Barelli fez foi: “quem nasceu primeiro, o capital ou o trabalho?”. Quer dizer, já era uma forma de você adquirir uma consciência mais política e ideológica. Falou um pouquinho da mais-valia, da relação do capital e trabalho. (Otávio, entrevista concedida em 2012, em São Paulo)

Entre 1975 e 1978, Otávio foi do conselho fiscal e por isso continuou como diretor de base, atuando fortemente no interior da MBB. Na diretoria de 1978, ele assumiu a tesouraria do SMABC, o que considera “um grande salto” em sua carreira como militante. No mesmo sentido, acredita que foi essa gestão que consolidou as transformações no discurso e nas práticas do sindicato rumo ao “novo sindicalismo”, afastando-se do “assistencialismo” para um sindicalismo classista.

Depois que o Lula tomou posse [como presidente] essas coisas não ficaram no discurso, começaram a ser praticadas. Por exemplo, a *Tribuna Metalúrgica* do Sindicato dos Metalúrgicos era um jornal muito mais informativo, que falava sobre futebol, sobre aniversário, e depois que o Lula assume a presidência o jornal começa a ter uma conotação muito mais política, muito mais ideológica. O João Ferrador com aquelas mensagens dele, que você já conhece, né? E essa coisa começou a ganhar uma conotação de acordo com aquilo que era uma filosofia de um novo sindicalismo. Não aquele sindicalismo que ficava esperando o trabalhador, dentro do sindicato, mas o sindicalismo que ia atrás do trabalhador, na porta fábrica, no seu local de trabalho.

Na época que eu era diretor de base da Mercedes, eu tinha que levantar cedo pra pegar o ônibus. Eu tinha que cumprir horário. E depois que eu fui pra diretoria do sindicato dos metalúrgicos eu não precisava cumprir mais horário. Não tinha “encheção” de saco de chefe. Eu tinha um cargo, tinha uma sala, tinha o telefone e tinha disponibilidade de tempo para que eu pudesse desenvolver outra atividade. Eu me lembro muito bem. Eu cheguei na porta do sindicato dos metalúrgicos e falei assim: “Eu sou diretor do sindicato dos metalúrgicos”. Aquele orgulho todo! E eu me lembro muito bem, depois que eu fui pra dentro do sindicato dos metalúrgicos como tesoureiro, o Lula e os outros diretores fala-

ram: “Otávio, é o seguinte, essa é a sala da tesouraria do sindicato e você é o tesoureiro. Você não vai ficar aqui na frente. Você vai ficar num lugar reservado, lá atrás, porque esse negócio de segurança e tudo. Você vai cuidar do patrimônio do sindicato”. Falei pra ele assim: “Não está certo, eu vou cuidar do patrimônio do sindicato dos metalúrgicos e, pra mim, o maior patrimônio do sindicato dos metalúrgicos de São Bernardo do Campo são os trabalhadores. O prédio, as mesas, as cadeiras também são patrimônios, mas, o maior patrimônio é a classe trabalhadora. Como eu tenho clareza desse patrimônio, eu não quero ficar lá escondido. Eu quero ficar aqui na frente. Coloca o cofre aqui. Essa porta da minha sala vai ficar aberta. Eu quero continuar com a sala aberta, atendendo os trabalhadores da mesma forma que eu atendia dentro da Mercedes”. O Lula também abriu de vez a porta da sala dele. Estava sempre aberta. Começou um novo tipo de sindicalismo. (Otávio, entrevista concedida em 2012, em São Paulo)

Otávio destaca que a divisão da base territorial do sindicato entre os diretores, que passaram a se responsabilizar, portanto, por um conjunto de fábricas, desde a panfletagem em suas portas até o atendimento das demandas dos trabalhadores e dos diretores de base, quando esses existiam, foi mais uma ação inovadora que aproximou a diretoria da categoria. Isso garantiu o aumento da legitimidade das ações dos dirigentes do SMABC, consolidada definitivamente no período das grandes greves, quando a diretoria, que nunca havia participado nem dirigido greves, precisou tomar a frente de um longo e intenso movimento por fábricas, o qual se estendeu, em 1978, do mês de maio até às vésperas do Natal. Assim, dado que os dirigentes do sindicato dos metalúrgicos se tornaram (re)conhecidos nacionalmente pelo enfrentamento contra patrões e o regime militar e pela formação do PT e da CUT, também foram chamados a “enfrentar as

urnas” para continuar representando a classe trabalhadora no âmbito do campo político partidário.

Em 1982, na primeira eleição [de que o PT participou], o Lula foi candidato a governador, eu fui candidato a deputado federal, o Jacob [Bitar] foi a senador. Aí, eu fui deputado federal. Fui presidente da comissão da legislação do trabalho, lá em Brasília, que era a segunda comissão mais importante. Depois eu fui líder do Partido dos Trabalhadores. [...] Era muito duro, sim. Eu me lembro, quando eu era presidente da Comissão de Trabalho e Legislação Social, para mim aquilo era uma glória. Eu ficava numa sala e tinha uma mesa da presidência, que ficava no alto. Eu ficava olhando aqueles caras que eram contra a gente, que eram da ditadura militar. Alguns, posteriormente, se tornaram até ministros do Supremo Tribunal. Eu me lembro que eu ficava lá, falando dos projetos que eram pra ser analisados e, às vezes, eu falava alguma coisa errada. Eu percebia que os deputados de baixo cochichavam e eu perguntava: “Deputado, o que foi que aconteceu?”. “Nada. Essa palavra que o senhor falou não é a palavra mais correta no português.” “Mas, deputado, o senhor não entendeu o que eu falei?” “Entendi.” “Então, deputado, o certo é o que se entende.” [risos] (Otávio, entrevista concedida em 2012, em São Paulo)

De um modo geral, poderíamos dizer que os primeiros candidatos eleitos pelo PT enfrentavam três ordens gerais de desafios: (i) a hostilidade dos outros partidos diante dos “radicais petistas” e suas propostas, (ii) para os eleitos desprovidos de capital escolar, o desconhecimento das especificidades do trabalho político (parlamentar ou executivo) e (iii) e a in experiência do partido no desenvolvimento de estratégias de atuação nas instituições políticas, em um momento em que a organização da classe trabalhadora ocupava o centro das preocupações do PT. Indagado sobre

as dificuldades enfrentadas como deputado e em como o PT apoiava seus candidatos eleitos, Otávio é categórico:

Elegiam as pessoas e jogavam pras feras. Um partido com as características do Partido dos Trabalhadores, com a proposta que a era do PT, não poderia acontecer isso. A responsabilidade de eleger um operário semianalfabeto, que saiu das greves dos metalúrgicos a deputado federal, alvo da imprensa, todo mundo apostando que você iria ser um fracasso e você também ter que aceitar esse desafio de não ser um fracasso. [...] Essas coisas nos enchiam de brios e de força pra aceitar o desafio e procurar, mesmo com essa falta de apoio e tudo, desenvolver da melhor maneira possível. [...] O partido não ajudou em nada, dos oito deputados que foram eleitos, eu fui o único que ficou com apartamento, os outros todos foram morar em hotel. E por que eu fiquei com apartamento? Porque eu achava que meu mandato era um desdobramento e um prolongamento do meu mandato do sindicato, então, eu achava que meu mandato tinha que ser uma referência para os trabalhadores que se dirigiam a Brasília para lutar pelos seus interesses. Eu cheguei a ter mais de 30 pessoas no meu apartamento em Brasília, dormindo no meu apartamento, eu tinha um quartinho pra mim e o resto ficava tudo à disposição... Essa era uma primeira clareza. Eu chegava supercedo porque eu me inscrevia todo dia cedo para fazer uso da palavra no *A Hora do Brasil*, eu fui um dos caras mais assistidos no *A hora do Brasil* porque achava que era uma tribuna que tinha que ser usada para esclarecer, para organizar e mobilizar os trabalhadores. Então, logo cedo eu tava lá porque tinha fila pra se inscrever e eu era um dos últimos a sair porque eu era líder do partido e eu não podia sair antes de terminar tudo, e isso era de segunda a quinta. Eu era o primeiro a chegar e o último a sair. E às vezes

eu saía, passava num restaurante e chegava no apartamento e eu chorava... Chorava e pensava: como é que pode ser isso? E Brasília é aquele mundo... Aquele mundo de fantasia, aquelas coisas todas... E o que me deixou muito... me deu muito força é que eu tenho muita consciência de classe, muita consistência ideológica! Eu dizia: “Esse daqui não é teu mundo! Esse aqui é uma fantasia! Você tem que procurar desenvolver da melhor maneira possível teu mandato de deputado federal! Fazer o que é melhor pelo PT...”. O que eu fiz? Eu procurei, com esse voluntarismo, essa disposição, desenvolver o mandato e fui considerado um dos deputados mais atuantes daquela legislatura. [...] Eu, praticamente, quando terminava a última sessão em Brasília, na quinta-feira, nunca voltava pra São Paulo. Eu ia sempre viajar o Brasil inteiro! Eram muitos pedidos pra ir falar sobre o PT e eu viajava o Brasil inteiro. Como experiência de vida, minha experiência parlamentar foi muito boa, foi extraordinária. Agora, foi uma experiência que eu esperava, muito mais, que o Partido dos Trabalhadores pudesse dar uma contribuição. (Otávio, entrevista concedida em 2012, em São Paulo)

Otávio não foi reeleito deputado federal e, em 1987, foi para a Alemanha Oriental para fazer formação política, segundo ele, para se tornar um “dirigente partidário”, dado que avaliava que o PT necessitava desse tipo de quadro. Em seu retorno, era membro da direção nacional do PT e foi indicado para coordenar a campanha do Lula à Presidência da República, projeto interrompido em função das eleições municipais de SBC, nas quais participou como vice-prefeito na chapa do PT. A experiência no Executivo foi marcada pelos desafios no contato com as demandas da população, as dificuldades para aumentar a participação popular e pelas divergências com o prefeito, que desrespeitou algumas decisões do partido. Depois dessa tumultuada gestão, Otávio concorreu à prefeitura de

SBC em 1992 e ficou em segundo lugar. Em 1995, foi candidato a deputado estadual, cumprindo mandato entre 1996 e 2000.

Trabalhei na campanha do Vicentinho pra prefeito em São Bernardo do Campo, fui responsável pelas finanças. Quando chegou 2002, eu fiz a campanha do Lula pra presidente. O Lula se elegeu presidente da República, acabou a minha tarefa em relação à militância no Partido dos Trabalhadores. Eu não quero mais, vou continuar sendo fundador do PT, continuar sendo um cara filiado, votando no PT, mas eu não quero mais ser um militante do Partido dos Trabalhadores, não quero mais ter aquela vida orgânica do PT. Bom, aí eu comecei a estudar violão, eu gosto muito de cantar. Atualmente eu estou cantando no coral da terceira idade, da USP. Nós temos uma turminha que toda quarta-feira faz seresta aqui numa oficina. [...] Eu tenho um projeto de vida de chegar aos 100 anos... (risos) E nesse projeto fazendo política, do jeito que estava fazendo... E as coisas que foram acontecendo, que não era pra ter acontecido... Porque essa coisa do poder no interior do PT tem que ser melhor discutida... O poder, ele envolve muito e as pessoas acabam fazendo coisas que não deviam fazer... Então, esse projeto que eu tenho de chegar aos 100 anos e um pouco das decepções que eu tive com o PT, eu resolvi me afastar e começar a fazer outras coisas que me dão prazer, satisfação... (Otávio, entrevista concedida em 2012, em São Paulo)

Atualmente, Otávio não tem nenhum tipo de engajamento político, embora não se recuse a fazer aparições públicas a pedido do PT ou do SMABC. Como ele expressa acima, seu afastamento guarda relação com a decepção em relação aos rumos que o partido tomou, no qual seu modo de conceber a política partidária e sindical não tinha mais espaço.

Eu tenho a compreensão que a conjuntura mudou, seria muita ignorância política da minha parte achar que nós ainda estamos em 1978, 1979, 1980, porém eu acho que o movimento sindical tinha que ser mais ideológico, mais classista, pressionar mais ainda os governos constituídos pelos interesses da classe trabalhadora. Falta por parte da CUT um sindicalismo mais ideológico e mais classista. E a questão ideológica do PT foi colocada totalmente de lado, não se fala mais em acúmulo de força para mudar a sociedade. Eu reconheço que as questões sociais têm caminhado. As questões políticas, porém, eu acho que teriam que criar condições para uma democracia mais participativa, com mais conselhos, [...] nós temos uma democracia que vem se arrastando do mesmo jeito faz trinta anos, acho que o PT tinha que dar um salto de qualidade no avanço da democracia, na participação da população [...] ir até às últimas consequências de criar condições, canais, conselhos para participação. (Otávio, entrevista concedida em 2012, em São Paulo)

O primeiro casamento de Otávio acabou ao final do seu mandato como deputado federal, e sua primeira esposa já é falecida. Ele teve dois filhos do primeiro casamento, ambos têm ensino superior. Otávio também conseguiu voltar a estudar, mas somente depois de encerrar sua carreira política, quando fez o curso de Serviço Social para a terceira idade na Fundação Santo André. Embora tenha uma boa relação com os filhos, declara sentir culpa por não ter acompanhado mais de perto seu crescimento em função da militância.

Nos últimos anos, sobretudo a partir de 2016, Otávio tem participado mais ativamente de atividades do SMABC, especialmente relacionados à Associação dos Metalúrgicos Anistiados do ABC Paulista (AMA-A), mas também a convite do Comitê Sindical de Empresa da MBB e da direção do sindicato. No mês de julho de 2019, no 9º Sindicato dos Metalúrgicos

do ABC, a AMA-A compareceu com uma delegação com alguns dos dez sindicalistas citados neste artigo e Otávio teve uma participação destacada no debate sobre o futuro da categoria metalúrgica.

Referências bibliográficas

- ABRAMO, Laís. *O resgate da dignidade: greve metalúrgica e subjetividade operária*. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial, 1999.
- BÉROUD, S. Contribuições e limites do conceito de campo sindical: uma reflexão a partir do caso francês. *Crítica Marxista*, n. 38, p. 89-101, 2014.
- BOITO Jr., A. (org.). *O sindicalismo brasileiro nos anos 80*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- BOULLAND, P. Des hommes quelconques? La politique d'encadrement au crible de la sociobiographie (1994-1974). In: PENNETIER, C.; PUDAL, B. (Orgs.). *Le sujet communiste: identités militantes et laboratoires du "moi"*. Rennes: Presses Universitaire de Rennes, 2014.
- BOUMAZA, M. Les générations politiques au prisme de la comparaison: quelques propositions théoriques et méthodologiques. *Revue Internationale de Politique Comparée*, v. 16, p. 189-203, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. A representação política. Elementos para uma teoria do campo político. In: BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. *O senso prático*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. O campo político. *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, n. 5, , p. 193-216, jan.-jul. 2011.
- BOURDIEU, Pierre. Capital simbólico e classes sociais. *Novos Estudos Cebrap*, n. 96, p. 105-115, 2013. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/S0101-33002013000200008>. Acesso em: 16 set. 2019.
- BOURDIEU, Pierre.; WACQUANT, L. *Réponse*. Paris: Seuil, 1992.
- BRESCIANI, L. P. *O contrato da mudança: a inovação e os papéis dos trabalhadores na indústria brasileira de caminhões*. 2001. Tese (Doutorado em Política Científica e Tecnológica) – Programa de Pós-graduação do Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2001.
- BRESCIANI, L. P.; QUADROS, R. A inovação e os papéis dos trabalhadores: o caso da Mercedes-Benz. In: NABUCO, M. R.; NEVES, M. A.; CARVALHO NETO, A. M. (Orgs.). *Indústria automotiva: a nova geografia do setor produtivo*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

- CRUZEL, E. “Passer à l’Attac”: éléments pour l’analyse d’un engagement altermondialiste. *Politix*, n. 68, p. 135-163, 2004.
- DIGOL, C. L’enquête prosopographique: enjeux de méthode. In: PENNETIER, Claude; PUDAL, Bernard (Orgs.). *Le sujet communiste: identités militantes et laboratoires du “moi”*. Rennes: Presses Universitaire de Rennes, 2014.
- FERNANDES, A. T. O campo político. *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, v. 16, p. 41-85, 2006.
- KECK, M. E. O PT e as instituições políticas. In: KECK, M. E. *PT: a lógica da diferença: o Partido dos Trabalhadores na construção da democracia brasileira*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.7476/9788579820298>. Acesso em: 16 set. 2019.
- MARONI, Amnérís. *A estratégia da recusa: análise das greves de maio/78*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- MATONI, F.; POUPEAU, F. Le capital militant. Essai de définition. *Actes de la Recherche: Le capital militant: engagements improbables, apprentissages et techniques de lute*, n. 155, dez. 2004.
- MIGUEL, L. F. Capital político e carreira eleitoral: algumas variáveis na eleição para o Congresso brasileiro. *Revista de Sociologia e Política*, v. 20, p. 115-134, 2003. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-44782003000100010>. Acesso em: 16 set. 2019.
- MUXEL, A. *Le changement politique au fil du parcours de vie: temps et politique: les recompositions de l’identité*. Paris: Presses Sciences Po, 2016.
- RODRIGUES, Iram Jácome. *Sindicalismo e política: a trajetória da CUT*. São Paulo: Scritta, 1997.
- RODRIGUES, Iram Jácome. (Org.). *O novo sindicalismo: vinte anos depois*. Petrópolis: Vozes/Educ, 1999.
- SANTANA, M. A. Entre a ruptura e a continuidade: visões da história do movimento sindical brasileiro. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 14, n. 41, 1999.
- TOMIZAKI, K. Deux générations de syndicalistes au Brésil: pratiques quotidiennes et formation politique. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, v. 196-197, p. 102-113, 2013.
- TOMIZAKI, K.; ROMBALDI, M. Construindo a legitimidade: reflexões sobre as transformações das práticas de militância no movimento sindical. *Pro-Posições*, Campinas: Unicamp, v. 20, p. 93-112, 2009.
- WAGNER, A. C. Syndicalistes européens: les conditions sociales et institutionnelles de l’internationalisation des militants syndicaux: le capital militant. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n. 155, p. 105-108, 2004.

WAGNER, A. C. *Vers une Europe syndicale: une enquête sur la confédération européenne des syndicats*. Bellecombe-en-Bauges: Éditions du Croquant, 2005. Collection Savoir/Agir.

YON, K. Modes de sociabilité et entretien de l'habitus militant. Militer en bandes à l'AJSOCI. *Politix*, v. 2, n. 70, p. 137-167, 2005.